

## **OS GUAIKURU-KADIWÉU NO CONTEXTO DA GUERRA DO PARAGUAI: FRONTEIRAS, RELAÇÕES INTERÉTNICAS E TERRITORIALIDADE\***

*Cirlene Moreno Corradini\*\**

A presente pesquisa teve como objetivo principal demonstrar que os Guaikuru-Kadiwéu se envolveram na guerra contra o Paraguai (1864-1870), ocorrida no Segundo Império (1840-1889), no século XIX, e analisar por que o fizeram. Paralelamente, pretendeu-se compreender como se deram os enfrentamentos dos Guaikuru-Kadiwéu com os Guarani; entender as estratégias utilizadas pelos índios em suas relações com portugueses e espanhóis; identificar por que esses povos se envolveram ou se deixaram envolver no conflito e, ainda, verificar como se processou esse envolvimento, se espontaneamente ou mediante convocação do Império brasileiro.

Quanto ao referencial teórico da pesquisa, visando dar conta da complexibilidade dos objetivos a serem cumpridos, houve necessidade de atentar para a interdisciplinaridade, o que me permitiu formular reflexões mais aprofundadas sobre as questões indígenas através da utilização de uma abordagem inserida na interface entre Antropologia e Nova História, a Etno-história.

Assim, não se tratou de um estudo exaustivo do tema, mas de uma pesquisa bibliográfica e documental em busca de evidências para verificar como se deram os enfrentamentos dos Guaikuru com outras etnias, entender as estratégias utilizadas em suas relações com portugueses e espanhóis e identificar o envolvimento desse povo no conflito.

Essa abordagem metodológica foi proposta no sentido de contribuir para o avanço das discussões em torno do enfoque dado à questão indígena, contemplando também os povos indígenas como atores da história. A partir das relações interétnicas, tentei destacar os índios da nação Guaikuru-Kadiwéu, dentro da História do Brasil, não como agentes

---

\* Resumo recebido em 21/7/2008 e aprovado em 2/8/2008.

\*\* Mestre em História pela Universidade Estadual de Maringá.

passivos, que apenas sofreram e se conformaram às imposições do homem branco, mas como agentes ativos, que reagiram às políticas indigenistas do Império e ajudaram a construir a história, participando efetivamente do conflito e dando sua contribuição para a vitória brasileira.

Para dar conta do trabalho, o recorte temporal e espacial delimitado foi a efervescente região de fronteira entre o Brasil e o Paraguai, especificamente no Estado do Mato Grosso, no período compreendido entre os tumultuados séculos XVI e XIX, principalmente de 1864 a 1870, datas oficiais do início e término da guerra contra o Paraguai. Quanto às fontes utilizadas, para selecioná-las, visitei em Cuiabá o Arquivo Público de Mato Grosso, a Biblioteca Central da UFMT, a Biblioteca Setorial, o Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, o Museu do Índio Rondon e o Núcleo de Informação e Documentação Histórico Regional (NDHIR). Mergulhei nas fontes primárias compostas pelas poéticas crônicas dos séculos XVI ao XIX, escritas por Alexandre Rodrigues Ferreira, Alvar Núñez Cabeza de Vaca, Félix de Azara, Francisco Rodrigues do Prado, José Sanchez Labrador e Ricardo Franco de Almeida Serra. As fontes secundárias incluíram estudos etnográficos, realizados no século XX, por renomados teóricos como, por exemplo, Ayron Dall'Igna Rodrigues, Claude Lévi-Strauss, Cláudio Alves de Vasconcelos, Darcy Ribeiro, Egon Schaden, Emílio Rivasseau, Guido Boggiani, Herbert Baldus, Jaime Garcia Siqueira Junior, Manuela Carneiro da Cunha, Maria de Fátima Costa, Uacury Ribeiro de Assis Bastos, entre outros.

Assim sendo, a pesquisa foi amplamente fundamentada em cartas-tratados, documentos, decretos-leis, ofícios, pareceres e relatórios de presidentes de províncias da época, contextualizando-se seus relatos com os dados historiográficos dos autores contemporâneos referidos. Quanto à organização do estudo, além das imprescindíveis introdução e considerações finais, foi dividido em três capítulos. Na entusiástica aventura de desvendar os mistérios dessa nação, enveredei pelos caminhos da história consciente de que, no Brasil contemporâneo, sociedades indígenas reinventam-se, fazendo com que o pantanal matogrossense ganhe vida, povoado ainda por muitos povos, inclusive os Guaikuru-Kadwéu.

A partir daí, para resgatar parte da história desse povo, teci o primeiro capítulo tratando basicamente da etnologia dos Guaikuru-Kadiwéu e buscando evidenciar sua presença na região fronteiriça do

Brasil com o Paraguai, desde os tempos coloniais até os dias atuais, bem como sua condição permanente de povo dominador e guerreiro. Isto se constituiu em uma empreitada marcada por um modo de vida em que se misturam sentimentos contraditórios de posse e desprendimento, alegria e tristeza, altivez e doçura. Curiosa por entender os antecedentes políticos que engendraram a Guerra do Paraguai, descortinei as estratégias de povoamento implementadas pela Coroa lusitana para garantir a posse do território conquistado, as questões da política indigenista e da demarcação dos limites territoriais, arrematando, então, o segundo capítulo, com a resistência dos Guaikuru-Kadiwéu a qualquer tentativa de aldeamento por partes dos portugueses. Finalmente, com a idéia de entender como e por que os Guaikuru-Kadiwéu se envolveram na guerra contra o Paraguai, investiguei **fatos e acontecimentos** históricos da época (1864-1870), marcados por confrontos étnico-culturais. Fui costurando o terceiro capítulo, considerando as relações existentes, principalmente entre Brasil e Paraguai e mergulhando profunda e prazerosamente nas diversas fontes, particularmente em documentos, contextualizando-os no intuito de demonstrar que, no decorrer de todo o conflito, os Guaikuru-Kadiwéu desempenharam um papel de significativa relevância.

Neste sentido, documento do Ministério dos Negócios da Guerra, de 8 de junho de 1867, encontrado no Arquivo Estadual de Cuiabá, dá ênfase à ação do destemido capitão Lapagote, índio Guaikuru que comandava tropas do exército brasileiro, surpreendendo paraguaios na região fronteira e realizando rondas nos campos de Iguatemi pelo comando do destacamento de Nioac no patrulhamento da fronteira, fatos que permitem supor a participação efetiva de outros integrantes da nação Guaikuru nos combates. A importância do envolvimento do povo Guaikuru merece destaque quanto ao desempenho das funções de sondagem e patrulhamento da região, em inúmeros momentos nos quais elementos daquela nação foram usados pelos brancos como fronteiras vivas, executando uma tarefa fundamental e impossível de ser realizada por indivíduos que desconhecem o território.

Os Guaikuru-Kadiwéu, em virtude das relações interétnicas estabelecidas no decorrer dos séculos, prepararam-se, sobretudo, com a arte da montaria, o que lhes permitiu participar efetivamente no conflito. No contato com os espanhóis aprenderam a domesticar e a montar cavalos. Durante a aliança estabelecida com os Payaguá, de 1719 a 1768, haviam aprendido a usar canoas. Assim, no confronto bélico desempenharam o

papel de fronteiras vivas, atuando também como cavaleiros, arte na qual eram especialistas, assim como canoeiros. Foram, assim, fundamentais na tarefa de reconhecimento e patrulhamento da região pantaneira, fato que me inspira o convencimento da efetiva contribuição prestada pela nação Guaikuru ao Brasil na guerra contra o Paraguai.